

# **O sibito baleado**

**FRANCISCO LEITE DUARTE**

AMOSTRA





# 1

O ano foi sofrido, mas o dinheiro ganho com a safra de algodão, somado às economias de anos anteriores, foi suficiente para Pedro Bicudo comprar algo que ele achou do outro mundo: uma caixa que falava, trazida de Recife, por um caixeiro-viajante.

Não foi fácil colocar a gerigonça para falar. Nas raras vezes que acertava o prumo, ouvindo os comentários dos radioamadores da Rádio Clube de Pernambuco, Pedro Bicudo se atualizava sobre a seca no Nordeste, as andanças de Lampião no sertão da Paraíba e as guerras pelo mundo afora.

O caixote falador chegou empacotado em um papelão marrom, grosso e resistente. Foi o vendedor, um sujeito baixinho de bigode agalegado, quem convenceu Pedro Bicudo a adquirir o rádio e, de quebra, o instruiu a ligá-lo e mudar de faixas. Tudo muito complicado. Um ruído intermitente lembrando o barulho dos córregos mais famintos, quando, esgoelados de sede, gritavam, acanhados, querendo água de beber.

Pedro Bicudo deu a palavra ao vendedor ambulante que honraria a contribuição anual para a sociedade de amigos do rádio de Recife, afinal havia muitas recompensas em manter o aparelho em suas posses.

Binga era bem mais curioso do que o pai. Logo, quis saber quem morava dentro da máquina faladeira e como nela cabiam tantas pessoas fuxiqueiras e cantantes. Que decepção! O que viu foi uma parafernália de fios entrelaçados uns nos outros e lâmpadas que acendiam e apagavam como bundinhas de vaga-lumes.

Menino de sorte. Assim que foi flagrado desparafusando a traseira do rádio, a testa de Pedro Bicudo se engelhou de tanta raiva, mas ira maior se prostrou à sua frente exigindo providências.

Era Dodô de Juvenal. Passava no terreiro da casa com duas gaiolas cheias de prisioneiros, os bichinhos de língua para fora, arfando a desesperança, tremendo de medo, mas de papo abarrotado pela comida traiçoeira dos humanos.

O garoto identificou vários deles: a arribaçã Etelvina, a marreca Laurentina, a juriti Sapocão, dois anus-pretos, um papa-sebo, um tem-farinha-aí, um galo-de-campina parecido com Pedro Bicudo e um sibito com uma das pernas quebrada.

Eu, esbaforido de fome e de sede, também caí no alçapão do moleque caçador de passarinhos. Abusado das minhas voações, ficara sobrevoando o sítio de Pedro Bicudo, procurando uma flor de jitéirana, esperando o tempo passar, preocupado com uma nova seca que se insinuava ao meu redor. Distraído, esqueci que os alçapões acoplados às gaiolas nunca dão comida de graça. Que ser mais tolo! Sim, uma besta. Como a fome afrouxa as engrenagens das nossas mentes e nos conduz para os calabouços das enganações!

Eu ainda não conhecia as aves prisioneiras, muito menos o filho de Pedro Bicudo. Do nome delas, soube bem depois. Eu vinha dos confins do tempo e a última vez que visitara a Serra do Desterro fora na maldita seca de 1915. Engaiolado, percebi que nada me adiantara, à minha chegada, as três bicadas que dera no tronco do pé de aroeira para afastar o mau-olhado. Sem

um farelo de comida no papo, caí feito um idiota no primeiro alçapão que colocaram à minha frente.

Ter o tempo infinito sob as asas também tem as suas vantagens. Dentro das probabilidades dos eventos da existência, pelo menos uma havia de me ser conveniente. Foi o que aconteceu afinal, uma coisa que Pedro Bicudo não perdoava era a prisão de passarinhos. Como ele não podia impedir, embora tenha gastado um dinheirão para se livrar dos efeitos colaterais desse estratagema, usou o único recurso cabível à sua disposição:

- Qual é o seu nome, moleque?
- Dodô de Juvenal.
- Qual o preço dos passarinhos, Dodô?
- Quinhentos réis.
- As duas gaiolas?
- Sem as gaiolas.
- Dou duzentos réis pelas duas gaiolas com os passarinhos dentro.

- Fechado - respondeu Dodô.

Pedro Bicudo era homem de raiva curta. Esquecido do chafurdo feito por Binga no aparelho falador, abriu as portas das gaiolas e nos entregou a benfazeja liberdade de voar, ficando com a ave menorzinha.

- Veja, Binga. Este passarinho está com a asa quebrada. A perna também. Você vai cuidar dele até sarar.

- Ele está meio desengonçado, papai. Nem parece um passarinho.

- Não, não. Uma cambacica. Igualzinha às outras que vivem comendo bosta nos monturos das casas. É um sibito, um sibito baleado.

- E qual nome vamos pôr neste sibito? - perguntou Binga.

- Fubica, Chiquinho, Vacilão, Firula, Caga-mole... Qual você prefere?

- Fubica. Fubica é bem melhor.

– Não quer um apelido mais imponente para o bichinho? Um sibito com o nome de Fubica é triste, viu?

Pedro Bicudo sugeriu outros nomes pomposos para o sibito baleado, mas como o garoto achou cada apelido mais feio do que o outro, ficou com o primeiro.

Depois disso, Binga esqueceu o rádio e se tornou o cuidador da menor das aves da Serra do Desterro e, pelo tempo que se seguiu, aliviou as dores de todas as aves salvas por Pedro Bicudo dos alçapões de Dodô de Juvenal.

Pedro Bicudo não me era desconhecido. Binga, sim, mas logo vi que o menino possuía algo diferente. Andar cambaleante, nas pontas dos pés, olhos virados para o céu, costas afuniladas, meio corcundas. Como eu estava cansado e em puro ócio, ouvi minha intuição. Fiquei por ali, para ver o que iria acontecer.

Em Pedro Bicudo, me chamava a atenção sua raiva pela prisão de passarinhos. Se fosse arapuça, ele pulava em cima, quebrando-as em quatro bandas; os alçapões, chamava-os de goela de Satanás. E, quanto às gaiolas, ah, foram muitas as destruídas. Centenas e centenas de aves e passarinhos libertos, mas aquilo não tinha fim. Semana sim, semana não, Dodô, com a cara mais deslavada do mundo, cruzava o terreiro do casarão com gaiolas cheias de passarinhos.

Aquilo estourava a cabeça de Pedro Bicudo. Em uma dessas vezes, depois de repetir o ritual da soltura das aves e, em seguida, pular em cima das gaiolas com revolta, deu cabo à situação:

– Moleque, quero propor um negócio.

– O senhor quer mais passarinho, seu Pedro? – respondeu Dodô de Juvenal com os olhos arregalados de alegria.

– Não. Não quero mais passarinho nem bicho de asas algum. Dodô ficou imóvel como uma estaca seca de angico.

– Pode vir buscar trezentos réis toda semana, mas não pode prender passarinho.

– Tá certo, seu Pedro. Não prendo, não.

Binga cuidou de Fubica com a máxima atenção. Beijou a cabeça do sibito baleado, limpou a ferida da perna, pôs um pouquinho de saliva, soprou o aleijão, rasgou uma camisa de Pedro Bicudo e enrolou uma tira na asa quebrada. E mais. Forrou uma catemba de coco com pluma de algodão e deitou Fubica dentro. Cantava “lá, lá, lá” para o passarinho dormir.

Fiquei com uma inveja desmedida, por isso quis adoecer também. No início, Binga não se importou. Ele olhava, mas seu amor era pelo pai e por Fubica. Foi aí que pus em prática um plano amalucado. Fechava os olhos e voava entre as cercas de arame farpado para ver se ganharia algum arranhão digno de nota. Demorou, mas em uma das experiências mais ousadas, voando entre dois mandacarus geminados, um espinho daqueles mais longos e resistentes rasgou, de uma ponta à outra, a minha asa. Uma dor horrível, a grande oportunidade, pensei.

Dito e feito. Ao acordar, Binga me encontrou debaixo da sua rede, asinha para cima, gemendo, suspirando, mas abrindo e fechando um olho, cubando tudo, para ver se o garoto de omoplatas deformadas se compadecia de mim e esquecia, ao menos por um momento, o sibito baleado.

Binga fez melhor. Mais do que o esperado. Tirou o espinho da asa, coçou minha cabeça, me colocou no bolso da camisa e disse: “Também vou cuidar desse beija-florzinho”.

Imaginei que o sibito baleado, como eu, fosse sentir ciúme, mas Fubica foi muito solidário. Roçou o bico em minha perna enquanto Binga fazia o curativo. Lembrei o amor da minha mãe quando ela me fazia cafuné.

Foi pensando assim que entreguei meu coração às novas amizades. Andávamos para cima e para baixo dentro da casa, arrastando nossas asas feridas, bicando tudo que encontrávamos, amenizando a dor de Pedro Bicudo, que cheirava sua dose de rapé para matar a solidão da viuvez.

Com o tempo, minha admiração por Fubica só aumentou. Ele não era um sibito comum. Tinha um semblante faceiro, asas pontiagudas, sagacidade além da conta. O que mais prestava atenção era quando Pedro Bicudo, sentado em sua rede com Binga dentro dela, contava os “causos” que envolviam guerras ou histórias de amor.

O meu amigo Pedro Bicudo não sabia ler como doutor. Tudo que conhecia sobre letras era de ouvir falar da boca de seu irmão mais velho, um vendedor de medicamentos homeopatas que aprendera a ler em Fortaleza, não se sabe como, nem por quais motivos.

Não ter letras dentro da cabeça não impedia o velho Pedro de cuidar bem dos seus negócios, acompanhar as notícias, folhear as revistas trazidas pelo seu irmão e formatar, a partir das suas figuras coloridas, histórias incríveis na sua mente. As lacunas que ficassem sem pé nem cabeça, ele preenchia com uma lógica mirabolante, dando um jeito de tornar tudo coerente e verossímil.

Fubica adorava as histórias contadas por Pedro Bicudo. Bico aberto, suspirando, prestando atenção, mas quando sua asa e pernas ficaram boas, ele entristeceu. Insistiu comigo para ir embora com ele para a mata da Serra do Desterro mas, embevecido pelo carinho de Binga e de Pedro Bicudo, resolvi ficar.

Binga implorou para que Fubica não fosse embora, mas o sibito precisava de alguém da mesma natureza para conquistar o coração, um grande amor, nem que para isso tivesse que fazer uma revolução.

Foi Pedro Bicudo quem consolou Binga. Percebendo o sofrimento do filho, interrompeu as orações que fazia ao pé do oratório para Nossa Senhora da Guia, puxou meu amigo pelo braço, pôs o outro em volta do pescoço do menino, apertou, beijou a cabeça, e disse:

– Chore não, Binga. Este mundo está cheio de passarinhos.



## 2

Sem Fubica por perto, meu laço de amizade com os novos amigos foi fortalecido. No entanto, as pás do tempo giravam destrambelhadas. O céu continuava tão limpo quanto tórrido. Pedro Bicudo temia que as engrenagens maiores corresse por dentro das rodas pequenas, coisas do fim do mundo. A vida definhava em velocidade desabalada. Binga, comigo pousado no ombro dele, corria, feliz, pelos monturos, catando os gravetos necessários para uma arapuca novinha.

A Serra do Desterro, não. Chorava, capionga, como o canto da acauã. A vida, uma palha seca que morria de fome. A fonte do riacho Pé de Serra embrutecia. O marmeleiro perdia o viço e o mussambê murchava até cair ressequido, enfeando a areia tísica, outrora leito viçoso de água e de felicidade.

Fevereiro chegou e nada de chuva: nem relâmpago, nem trovão, nem nuvens. O angico torcia suas resinas com sofreguidão. A aroeira estalava os galhos e o pereiro gemia. O ar parado, a morte contemplando a carniça que medrava aos montes no solo causticante da Serra do Desterro.

Urgia que se fizesse algo. A fome campeava pelos poleiros e veredas por onde os burros transportavam, em tempos de

fartura, sal e sacas de milho, farinha e rapadura, desde Mossoró, passando pelos baixios das terras de Pedro Bicudo na Paraíba, seguindo, num vai e vem constante, em direção ao Ceará.

E mais: nem sequer as arapucas, tão comuns nas mãos da molecada, eram vistas, onde algum pássaro pudesse arriscar a liberdade em troca de alguma isca traiçoeira.

Pedro Bicudo, depois de dar dez voltas no terreiro, com as mãos para trás, dizia:

– Nada de arapuca! Tudo que tira a liberdade dos passarinhos é coisa de Satanás!

Binga era um menino maluvido. E me carregava para suas peraltices. Sempre dava um jeito de furtar o xerém caído do moinho. Brincávamos debaixo das oiticicas e moitas de mo-fumbo, corríamos desenfreados no leito do riacho Pé de Serra ou nos embrenhávamos por entre os marmeleiros em busca de algum ninho de anu-preto e seus ovos azulados e fedidos.

Eu testemunho. Binga não pegava passarinhos como Dodô. Até queria ser como o filho de Juvenal, mas não. Pegava-os para venerá-los, fofos como capuchos de algodão, sentir nas mãos o diminuto pulsar da vida, depois soltá-los, como exigia seu pai. Dodô, pelo contrário, torcia o pescoço das aves capturadas, engolia, ainda pulsando, o coração dos beija-flores, acreditando que isso apuraria a pontaria da sua baladeira. Depois, rasgava e assava os bichinhos na brasa fumegante, um horror!

De qualquer forma, Binga era quase como Dodô de Juvenal, mas não engolia o coração dos passarinhos nem tinha um tufo de penas amareladas na bunda. Além disso, nunca sentira fome e vivia fora da realidade. Dodô só queria escapar da fome. Binga, com seus olhos ensimesmados, só queria, um dia, voar pelas trilhas infinitas do céu azul. Pedro Bicudo pensava em resolver o problema dos flagelados da seca e eu, ser amado e compreender a vida para contar suas histórias para quem quisesse ouvir.

Desejos, sonhos, quimeras, fome... Era o que tínhamos no bernal da vida, mas a coisa saía do controle, um desengano só. Os açudes mostravam seus fundos ressequidos. Aqui ou acolá, uma poça d'água era disputada aos piados por tudo que é bicho que tivesse asas.

Ao longe, no galho mais alto de um pé de mulungu, sob um sol escaldante, Etelvina, do bando das arribações, cochilava a vida pensando em uma forma de cuidar dos filhotes: duas bocarras abertas, a volúpia de viver querendo se esticar no tempo. A ave não sabia mais o que fazer. Voava para cima e para baixo com as asinhas na cabeça, matutando, matutando...

A noite caiu e veio dormir sob os cuidados do vento Aracati, que, de tão seco, ficou vesgo e estrábico. As corujas rasga-mortalhas nunca haviam se plantado nas cumeeiras das casas tanto quanto o faziam naqueles dias em que algumas criancinhas, levadas pelo mau agouro das aves de canto fanho, caíam mortas semana sim, semana não, uma época em que as mulheres famintas perdiam o esplendor divino da amamentação.

O amanhecer dos dias não trazia esperança. A rede dependurada na sala da frente rangia os armadores enferrujados, e Pedro Bicudo, depois da reza para os seus santos e de duas ou três doses de rapé, contava histórias tristes da seca de 1915, o que eu não queria nem saber. Aqueles dias foram da cor da morte; a noite, a do desespero. Os de hoje não são assim tão diferentes. Até o piado do canção se destemperou:

– Cã... cão, cão! Cã... cão! Cã... cão, cão!

Em um galho mais fino de um pé de trapiá, um tem-farinha-aí piava a fome em um grito de doer qualquer ouvido:

– Tem farinha aí? Tem farinha aí?

– Acauaaaaaaaã, acauaaaaaaaã – respondia a acauã, testemunhando a seca e suas maledicências.

Por outras eras e oitavas dos causos contados por Pedro Bicudo, as aves já sabiam: quando as acauãs cantavam daquele

jeito, a vida, pela seca, seria sugada das suas danças cotidianas. E ali, olhar distante, penas carcomidas pelo sol, sofriam. De fora, era de se dizer que a passarinhada da Serra do Desterro morreria, que o destino era filho da natureza inglória e que a sina dos vivos seria curta e linear.

Ocorre que dentro da vida há a revolta de quem se posta contra a morte. A arribaça Etelvina teve a visão de um futuro iminente. Suas crias saltavam no ninho querendo tempos de bonanças. Foi por isso que a ave bradou aos quatro cantos da Serra do Desterro:

– Não! Não será, não! A vida das arribaças não será curta e linear! E se voarmos até à praia mais próxima e enchermos nossos papos d’água para vomitá-la por cima das nuvens magras, precipitando a chuva no céu da Serra do Desterro?

Silvão, um gavião espoletado da cabeça, interveio:

– Praia, nessas brenhas? Como chegaremos lá? Pirou, Etelvina?

– Voando, ora bolas! – gaguejou a arribaça.

– Estamos sedentos e famintos. Até os humanos estão sem mantimentos – piou um fura-barreira. – Somente Pedro Bicudo possui comida e está sustentando uma leva de flagelados.

– Então, lá não deve ter farinha...– concluiu um tem-farinha-aí, tão triste, tão triste.

– Se pudséssemos perguntar ao moleque da baladeira cega e de calção rasgado na bunda...

Realmente, o estilingue de Binga não tinha serventia para nada. Era de verdade verdadeira, mas ele só queria mostrar para Dodô de Juvenal que era tão bom atirador quanto ele. Por isso, mesmo sem acertar pássaro algum, ficava o dia inteiro atirando pedras pelo ar, como um garoto destrambelhado do juízo.

E nossa vida continuava embrulhada em medo e aperreios, mas cheia de vontades. Outro dia, Binga foi brincar com seu

carrinho feito de sabugos de milho ao pé do Jatobá. Eu voara um pouco mais, até o sítio dos Medalas, no limite com as terras de Pedro Bicudo. Quem sabe eu não encontraria uma flor de jitirana... Meu Deus, veja quem eu vi!

À terra, ao pé da cerca que dava para a cacimba d'água, cada dia mais enterrada nas profundezas do riacho Pé de Serra, Fubica, em um piado comprido com outras aves. Estava magro demais, mas era visível sua alegria. Bicou minhas penas, encostou sua cabeça na minha, piou estar feliz. Eu também vibrei, ouvindo-o com atenção.

Logo compreendi a astúcia do meu amigo. Ainda que faminto, Fubica anteviu uma oportunidade para conquistar o coração da sibita Mariquinha. Encontrar uma larva, comigo dividida, deu a energia necessária para o plano. Figarreou, inflou o peito, arqueou os pelos amarelados da cabeça e piou empostado para sua pretendente ouvir:

– Aqui, na Serra do Desterro, não há água. Não há comida. Tudo contado e medido, limitado pelo Guiratinga. Aqui, onde nossos ancestrais dormitam os seus espíritos, é a nossa terra, e dela não fugiremos porque foi aqui que a potência da vida se fez carne, em um sopro milagroso. Eis-nos aqui: à luta. – E prosseguiu com os olhos pegando fogo de tanto desejo pela sibita Mariquinha: – E como vamos lutar? Vamos invadir a Intendência do Guiratinga. A água é farta, doce, leite e mel. E o Guirá nos explora, fica com as melhores sementes, limita a água de beber, é cheio de privilégios, ruim, mentiroso e autoritário. É preciso, sim, saquear a intendência administrada por aquele bicho de sobreco fedido, arrastado pelo chão.

Por um tempo, apenas o silêncio gritou para si mesmo sua própria impotência, mas, logo houve um ruge-ruge estridente. Toda a passarinhada prestou atenção nas ponderações de Fubica. Para reforçar, ele voou até o galho mais alto do pé de

oiticica, aprumou-se, abriu as asas e piou, pensando no impacto que causaria ao coração da sibita Mariquinha:

– É preciso agir. Como é que é, passarinhada? Vamos saquear a Intendência do Distrito de Belém ou ficar nesse puxa-encolhe sem resultado algum?

O canário Rubiquinho pensou em suas penas escovadas. Perdê-las em uma guerra seria impensável. Não poderia se imaginar sem o penteado de cores vivas. Além disso, era um artista, não gostava de se envolver nessas coisas da política, poderia prejudicar sua carreira, os seus planos futuros rumo à fama passarinhal.

Coitado do canário Rubiquinho, mal acabou de fechar o bico, uma notícia bombástica foi anunciada pelo fim-fim Sanção: um decreto do Guiratinga, obrigando cada passarinho a pagar duas sementes de camará ou uma de feijão-de-rolinha, para que pudessem tomar água na cacimba do riacho Pé de Serra.

– Pagamento obrigatório a cada final de dia, nem que seja debaixo de vara – piou Sanção.

– Isso é um imposto! Passarinho não paga imposto. Que ladroeira é essa? Esse Guiratinga não tem mais o que fazer? – piou o canário Rubiquinho.

– Nem adianta espernear, Rubiquinho. Os ninhos de vocês já foram visitados pelos agentes de rendas do Guirá. Quem tinha somente guardada ou escondida já perdeu. A lei é fedida, mas é lei.

Foi aí que o canário Vicente, balançando as asas de forma atabalhoada, lamentou:

– Piu, piu, piu, que desgraceira! Os agentes do Guirá visitaram meu ninho três vezes. Não eram somente duas sementes de Camará? Como é que pode isso? Levaram até um caroço de feijão-de-rolinha!

– São erros do sistema, Vicente. Seja uma ave cidadã – respondeu Sanção. – Deixe de incentivar arruaças. Cuidado com as labaredas do Palácio dos Infernos.

A notícia do imposto pegou as aves de surpresa e pôs a revolta no bico de cada um dos passarinhos. Para piorar as coisas, um bando de periquito cara-suja fez um comunicado alarmante:

– A coisa está difícil mesmo. Os arrecadadores das sementes estão prostados à beira da cacimba. Só bebe água quem pagar esse estrupício de imposto.

A notícia veio a calhar aos planos de Fubica. Até Rubiquinho, que era um dos mais resistentes ao levante, esqueceu seu plano de ave famosa, as cores vivas de suas penas e bradou um piado mavioso:

– Sim, sim, vamos invadir o Distrito de Belém!

– Saquear – disse uma rolinha-caldo-de-feijão.

– Destruir o Palácio dos Infernos – urrou Silvão.

– Quais as nossas armas? – perguntou a juriti Sapocão. – E o plano de ataque? As estratégias?

Mais uma vez o silêncio se prostou sobre as aves da Serra do Desterro. Uns pensaram em roubar as moedas que Pedro Bicudo guardava em latas de querosene, enterradas pelos baixios, e atirá-las sobre a sede da Intendência para destruí-la; outros pensaram em cortar, com seus poderosos bicos, as vias de acesso ao Distrito de Belém; uns pulavam de um lado ao outro, franzindo os biquinhos; havia quem piava algo incompreensível. Foi aí que a marreca Laurentina interveio:

– Que aves bestas de uma figa! Ninguém consegue invadir a Intendência do Guirá. Acordem! Estamos lascados de verdade!

Por um instante, Fubica ficou pensativo, mas, motivado pela possibilidade da conquista da sibita Mariquinha, seu espírito pragmático piou mais alto:

– A gente descobre um jeito. Entregaremos uma carta ao Intendente de Belém, reivindicando a revogação desse imposto. Buscaremos o apoio da Liga das Aves de Plumaz Comunitárias da Serra do Desterro e exigiremos a igualdade de tratamento entre tudo quanto for bicho de asa.

– Carta ao Guiratinga... Piu, piu, piu! Como vocês são inocentes! – piou a marreca Laurentina. Vocês cairão é nas brasas fumegantes do Palácio dos Infernos.

Foi aí que um casaca-de-couro perguntou:

– E quem tem coragem de entregar a carta àquele bicho fedido à urina de gambá?

– É simples – disse Romana, uma galinha d'angola miudinha. – A cada 15 dias, ele dorme na última oiticica, aquela do lado norte, no campo dos cupinzeiros, quando vem visitar Barnabeia e o seu filho, que ele chama de Princeso.

Foi aí que Fubica, se lembrando das histórias contadas por Pedro Bicudo sobre Carlos Magno e suas conquistas, abriu o bico e piou um discurso envolvente:

– Se nosso pleito não for atendido, adotaremos guerra móvel, volante, saques esporádicos, ações rápidas e curtas, de alto impacto. Dividiremos nosso exército em pelotões, segundo as competências naturais e as habilidades adquiridas. Ou atenderão as reivindicações, ou, em poucos dias, a Intendência de Belém estará de pernas para o ar...

– Como assim? – piou alguém.

– Dentre vocês, quem melhor sabe se comunicar com os humanos?

– Os cachorros! – disse um papa-sebo.

– Deixe de ser leso, papa-sebo. Cachorro não tem asa.

– Não? Então, deve ser os papagaios...

– Ganhar o apoio dos humanos é imprescindível neste momento. A comunicação é algo fundamental nas guerras de guerrilhas. Podem começar pela casa do velho Pedro Bicudo. Se ganhar o apoio dele, já é meio caminho voado.

– Mas os humanos não entendem os passarinhos. Além disso, a Intendência fica debaixo da Terra, na sede do Distrito de Belém. Ninguém sabe por onde entrar. De tão estapafúrdio,

seu plano está pra lá de Bagdá. Acorde, sibito – disse uma codorniz-de-pé-roxo.

Fubica não deu a menor atenção ao piado da codorniz e continuou:

– E quem, entre vocês, sabe manejar a atividade de arrotar?

– Os socós – bravejou o gavião Silvão.

– Pois os socós arrotarão ao mesmo tempo. Lançarão arrotos e eructações sobre a intendência, para que os ocupantes fiquem atordoados pelo mau cheiro e percam as condições de planejar qualquer defesa.

E depois de dar mais de cem exemplos, cubou os olhos de Mariquinha, finalizando:

– Entenderam o plano?

– Que coisa mais maluca! – piou a sibita Mariquinha.

Eu também achei que o meu amigo Fubica estava com o quengo mole ou havia cheirado alguma merda azeda de preá. Despedi-me dele com um sorriso irônico no bico. Voei para a casa de Pedro Bicudo. Os carinhos e abraços de Binga já me faziam falta.